

SEGUINDO O FLUXO: EMPODERANDO MENINAS E COMBATENDO A POBREZA MENSTRUAL NO IEMA PLENO MATÕES

Jefferson Maciel Lira¹
Stephanya Giselle Fernandes Costa²

INTRODUÇÃO

O projeto “Seguindo o Fluxo”, desenvolvido no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) – Unidade Plena Matões, entre os anos de 2022 e 2025, surgiu como uma ação educativa voltada ao combate à pobreza menstrual e à promoção da dignidade e do bem-estar das alunas. A iniciativa nasceu da necessidade de enfrentar um problema que ultrapassa a esfera da saúde e atinge diretamente os direitos humanos, a equidade de gênero e o acesso à educação. Segundo a ONU Mulheres (2021), a pobreza menstrual é um fenômeno social que reflete desigualdades estruturais, afetando milhões de meninas e mulheres que não possuem acesso a produtos de higiene adequados, informação ou saneamento básico.

A partir dessa realidade, o projeto buscou promover ações integradas entre educação, saúde e cidadania, por meio da distribuição gratuita e contínua de produtos menstruais e da realização de oficinas educativas sobre saúde menstrual, autocuidado e empoderamento feminino. Essas atividades foram planejadas de modo a sensibilizar toda a comunidade escolar, contribuindo para a formação de uma rede de solidariedade e apoio mútuo. O engajamento de professores, estudantes, gestores e colaboradores foi fundamental para a consolidação da iniciativa, que se estruturou como uma prática de educação inclusiva e transformadora.

Nesse contexto, o projeto dialoga com os princípios da educação emancipatória propostos por Paulo Freire (1996), ao compreender o processo educativo como um ato de libertação e consciência crítica. Ao abordar a menstruação como um tema pedagógico e social, o “Seguindo o Fluxo” promoveu um espaço de diálogo, escuta e valorização das

¹Mestre em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão/MA e Professor Vinculado ao Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) do ensino médio integrado a educação profissional técnica jeff.maciell@hotmail.com.

²Mestre em Ensino de Biologia pelo PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional pela Universidade Estadual do Piauí- PI e Professora Vinculado ao Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) do ensino médio integrado a educação profissional técnica; stephanyagiselle@hotmail.com



experiências femininas, desafiando estigmas e tabus culturais ainda presentes na sociedade. A UNESCO (2020) também destaca que a gestão adequada da saúde menstrual nas escolas é determinante para a permanência e o sucesso escolar das meninas, reafirmando a relevância de projetos como este.

Os impactos observados ao longo da execução indicam uma redução significativa nas faltas durante o período menstrual, aumento da autoconfiança e do desempenho acadêmico das alunas, bem como o fortalecimento de vínculos comunitários. O ambiente escolar tornou-se mais acolhedor, equitativo e inclusivo, contribuindo para a formação de uma cultura de respeito e empatia. Além de combater a pobreza menstrual, o projeto se consolidou como uma experiência exemplar de educação para a cidadania, promovendo o empoderamento feminino, a valorização do corpo e da saúde e o combate ao machismo e à exclusão social.

Formato: o arquivo deverá ser anexado no formato PDF, com tamanho máximo de 2MB. O uso do papel timbrado da edição atual do evento é obrigatório. O modelo é disponibilizado no site do evento para download.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa e de caráter descritivo, centrada na observação e análise das ações realizadas no IEMA Pleno Matões. A coleta de dados se deu por meio de registros institucionais, relatos das participantes e acompanhamento das atividades desenvolvidas. O projeto foi implementado em etapas: inicialmente, foi realizada uma sensibilização da comunidade escolar sobre o tema, seguida da arrecadação e distribuição de produtos menstruais de forma gratuita e contínua. Paralelamente, ocorreram oficinas educativas sobre saúde menstrual, autocuidado e empoderamento feminino. Essas oficinas contaram com a participação de professoras, profissionais da saúde e estudantes voluntárias, promovendo um ambiente colaborativo e de apoio mútuo. A análise dos resultados foi baseada em observações diretas, depoimentos e indicadores de frequência escolar, buscando compreender os impactos sociais e educacionais do projeto..

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre pobreza menstrual tem ganhado crescente relevância no cenário acadêmico e social nos últimos anos, à medida que estudos e movimentos



feministas vêm evidenciando seus impactos diretos sobre a educação, a saúde e a dignidade humana. De acordo com a UNESCO (2020), a gestão inadequada da menstruação constitui um obstáculo significativo ao aprendizado e à permanência escolar de meninas em situação de vulnerabilidade, especialmente em contextos de desigualdade social. Nesse sentido, compreender a menstruação para além de um fenômeno biológico é reconhecer suas implicações socioculturais e estruturais, pois, como destacam Silva e Castro (2021, p. 45), “a pobreza menstrual reflete um conjunto de privações materiais e simbólicas que negam às mulheres o exercício pleno de sua cidadania”.

A falta de acesso a produtos menstruais, saneamento e informações adequadas é um problema de justiça social e de gênero, uma vez que afeta desproporcionalmente mulheres e meninas em contextos de pobreza. Segundo a ONU Mulheres (2021), cerca de 500 milhões de pessoas no mundo não possuem condições de gerir sua menstruação com segurança e dignidade, o que perpetua desigualdades e reforça estigmas culturais. A ausência de políticas públicas consistentes sobre o tema demonstra, conforme argumenta Souza (2022), “a invisibilidade histórica da saúde menstrual nas agendas educacionais e sanitárias do país”, revelando a urgência de ações intersetoriais.

No âmbito educacional, Brasil (2022) aponta que a falta de recursos higiênicos adequados interfere diretamente no rendimento escolar e pode contribuir para o aumento da evasão de meninas em idade escolar. Essa realidade reforça a importância de práticas educativas que unam formação crítica, empatia e equidade de gênero. Assim, o projeto “Seguindo o Fluxo” insere-se em uma perspectiva de educação emancipatória, inspirada nos princípios de Paulo Freire (1996), que defende a escola como espaço de diálogo, consciência crítica e transformação social. Para o autor, “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p. 76), o que legitima iniciativas que ultrapassam o ensino conteudista e se voltam à formação integral do sujeito.

Além disso, autores como Hooks (2013) reforçam que o processo educativo deve ser entendido como um ato político e libertador, em que o conhecimento serve como instrumento para questionar estruturas opressoras. Essa perspectiva se conecta à proposta do projeto, que busca empoderar meninas, desmistificar tabus sobre o corpo feminino e promover o protagonismo juvenil no enfrentamento das desigualdades. Dessa forma, a articulação entre educação, saúde e igualdade de gênero constitui o eixo teórico que sustenta o projeto, aproximando o ambiente escolar das demandas sociais reais e contribuindo para a consolidação de uma escola mais inclusiva, crítica e humanizadora.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos Resultados, deverá constar a esquematização dos dados encontrados, na forma de categorias analíticas e sistematização dos achados empíricos.

Nesta sessão não poderão ser utilizados gráficos, tabelas e quadros (que podem ser inseridos apenas no banner para apresentação).

As discussões (análises) geradas a partir dos resultados deverão ser criativas, inovadoras e éticas, de maneira a corroborar com as instruções de pesquisa científicas do país. Levando em consideração a referencia a autores e teorias, bem como referenciando os resultados encontrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com a execução do projeto “Seguindo o Fluxo” revelam avanços expressivos no enfrentamento à pobreza menstrual e na promoção do empoderamento feminino dentro do ambiente escolar. Desde sua implementação, entre 2022 e 2025, foram beneficiadas aproximadamente 870 alunas, que passaram a ter acesso contínuo e gratuito a produtos de higiene menstrual, garantindo condições mais dignas para a vivência desse processo natural do corpo feminino.

Os dados levantados pela equipe executora, somados aos relatos das próprias estudantes, apontam para uma redução significativa nas faltas durante o período menstrual, bem como uma melhoria perceptível no desempenho acadêmico e na participação nas atividades escolares. Essa mudança comportamental reforça a tese de que o acesso a condições básicas de higiene está diretamente ligado à permanência e ao sucesso escolar, como já evidenciado em pesquisas da UNESCO (2020) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, 2022).

As oficinas educativas sobre saúde menstrual e autocuidado mostraram-se espaços potentes de diálogo e aprendizagem. Durante esses encontros, foi possível desconstruir mitos e preconceitos ainda enraizados sobre a menstruação, permitindo que as alunas se sentissem mais informadas, seguras e valorizadas. Conforme observa Hooks (2013, p. 81), “a educação libertadora nasce do diálogo e do reconhecimento das experiências do outro”, o que se confirma na prática pedagógica do projeto ao valorizar saberes femininos e cotidianos historicamente silenciados.



Outro aspecto relevante foi o engajamento da comunidade escolar, que se envolveu ativamente por meio de campanhas de arrecadação, apoio logístico e ações de divulgação. Essa participação coletiva contribuiu para o fortalecimento de laços de solidariedade e pertencimento, transformando o projeto em uma prática social e educativa que ultrapassou os muros da escola. De acordo com Freire (1996, p. 72), “a educação é um ato político e de amor”, e quando articulada a práticas inclusivas, torna-se capaz de provocar mudanças concretas na realidade dos sujeitos.

Dessa forma, a experiência do “Seguindo o Fluxo” reafirma o papel da escola como espaço de transformação social, onde o conhecimento e a ação solidária se unem em favor da equidade de gênero, da justiça social e da valorização da dignidade humana. O projeto consolidou-se, assim, não apenas como uma política de assistência, mas como uma prática emancipatória, que contribui para formar jovens mais conscientes, autônomas e críticas em relação aos desafios de seu tempo.

Palavras-chave: IEMA Pleno Matões, pobreza menstrual, educação, empoderamento, saúde menstrual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa de Dignidade Menstrual**. Brasília: FNDE, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ONU MULHERES. *Pobreza menstrual e desigualdade: relatório global*. Nova York: ONU Mulheres, 2021.

SILVA, M.; CASTRO, R. **Direitos menstruais e dignidade humana: uma análise social e de gênero.** *Revista Gênero e Educação*, v. 4, n. 2, p. 40–52, 2021.

SOUZA, L. P. **Pobreza menstrual e saúde pública: desafios para políticas educacionais.** *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, v. 18, n. 1, p. 65–78, 2022.

UNESCO. *Menstrual Hygiene Management in Schools*. Paris: UNESCO Publishing, 2020.

